

A RITUALIZAÇÃO DO RURAL CONTEMPORÂNEO: NOTAS SOBRE CHOUPANA DO GAVIÃO

THE RITUALIZATION OF THE CONTEMPORARY RURAL: NOTES ON CHOUPANA DO GAVIÃO

LA RITUALIZACIÓN DEL RURAL CONTEMPORÁNEO: NOTAS SOBRE CHOUPANA DO GAVIÃO

Franciele Coghetto¹

<https://orcid.org/0000-0003-4952-9266>

Ana Paula Schervinski Vilwock²

<https://orcid.org/0000-0002-9990-8590>

Clayton Hillig³

<https://orcid.org/0000-0002-4597-6950>

Submissão: 27/08/2021 / Aceito: 12/10/2021 / Publicado: 31/03/2022.

Resumo

A multifuncionalidade do rural aborda a ampliação das funções sociais, ambientais, patrimoniais e alimentares através das funções simbólicas atribuídas ao rural, deixando-o de ser entendido apenas como produtor de bens agrícolas. Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar os novos sentidos construídos através da ritualização do rural contemporâneo, tendo como área de estudo circunscrita à região do Alto Uruguai gaúcho e campo empírico a Choupana do Gavião. Trata-se de uma pesquisa de cunho antropológico, fundamentada na etnografia, que teve como ferramentas a observação participante, entrevistas em profundidade e questionários. Desta forma, se compreende que o meio rural, na pós-modernidade se transforma, deixa de ser um espaço meramente agrícola e passa a ser um espaço de multifuncionalidades, que se orientam em grande medida pela ritualização do espaço rural, apresentando múltiplos interesses onde circulam as novas construções do rural contemporâneo, exercendo funções sociais, ambientais e patrimoniais que podem ser acessadas através de bens simbólicos, como a religiosidade e espiritualidade. Ou seja, rural é mais que um espaço de produção de alimento para o corpo físico, ele é um espaço que nutre as relações dos seres humanos, espiritualidade e a natureza.

Palavras-chave: Multifuncionalidade. Valores simbólicos. Etnografia.

Abstract

The multifunctionality of the rural addresses the expansion of social, environmental, heritage and food functions through the symbolic functions attributed to the rural, leaving it to be understood only as a producer of agricultural goods. Therefore, this study aims to analyze the new meanings built through the ritualization of the contemporary rural, having as a study area circumscribed to the Alto Uruguai region of Rio Grande do Sul and the empirical field the Choupana do Gavião.

¹Doutora em Extensão Rural (UFSM). E-mail: francoghetto@gmail.com

²Doutora em Extensão Rural (UFSM). Professora Adjunta na Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: ana.agronomia@gmail.com

³ Doutor em Sociologia (UFRGS). Professor Associado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: clayton.hillig@ufsm.br.



This is an anthropological research, based on ethnography, which used participant observation, in-depth interviews and questionnaires as tools. In this way, it is understood that the rural environment, in post-modernity, is transformed from being a merely agricultural space to a space of multifunctionalities, which are largely guided by the ritualization of the rural space, presenting multiple interests where new constructions of the contemporary rural circulate, exercising social, environmental and heritage functions that can be accessed through symbolic goods, such as religiosity and spirituality. In other words, rural is more than a space for the production of food for the physical body, it is a space that nourishes the relationships of human beings, spirituality and nature.

Keyword: Multifunctionality. Symbolic values. Ethnography.

Resumen

La multifuncionalidad de lo rural aborda la expansión de las funciones sociales, ambientales, patrimoniales y alimentarias a través de las funciones simbólicas atribuidas a lo rural, dejándolo entendido únicamente como productor de bienes agrícolas. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo analizar los nuevos significados construidos a través de la ritualización de lo rural contemporáneo, con la Choupana do Gavião como área de estudio circunscrita a la región del Alto Uruguai del estado de Rio Grande do Sul. Se trata de una investigación antropológica, basada en la etnografía, que utilizó como herramientas la observación participante, entrevistas en profundidad y cuestionarios. De esta forma, se entiende que el medio rural, en la posmodernidad, se transforma de un espacio meramente agrícola a un espacio de multifuncionalidades, las cuales están guiadas en gran medida por la ritualización del espacio rural, presentando múltiples intereses donde nuevas construcciones de lo rural contemporáneo circula, ejerciendo funciones sociales, ambientales y patrimoniales a las que se puede acceder a través de bienes simbólicos, como la religiosidad y la espiritualidad. Es decir, lo rural es más que un espacio de producción de alimentos para el cuerpo físico, es un espacio que nutre las relaciones del ser humano, la espiritualidad y la naturaleza.

Palabras clave: Multifuncionalidad, Valores simbólicos, Etnografía.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo o crescimento econômico foi considerado, erroneamente, sinônimo de desenvolvimento. No meio rural brasileiro isto aconteceu, pois, após a segunda guerra mundial, o progresso técnico e a mecanização da produção surtiram significativos efeitos no progresso econômico e na organização do setor produtivo primário, bem como, permitiu o aumento da produtividade e da eficiência da produção, na medida em que baixou consideravelmente o custo de produção (VILLWOCK, 2018). Além disso, esta afirmação tornou-se usual no meio rural, pois esse modelo de transformação foi alicerçado pelas políticas agrícolas para o campo implementadas na época pelo governo militar, com o objetivo central de modernizar a agricultura, principalmente com os subsídios e o acesso ao crédito, que facilitam a compra de equipamentos e máquinas na agricultura brasileira (MIELITZ NETO; MELLO; MAIA, 2010).

Entretanto, essa modernização com foco no crescimento econômico não atingiu toda a população rural existente no Brasil. De acordo com Balsan (2006), é importante entender,

DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v31i57.6640> | Edição Vol. 31, Núm. 57, 2022.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

conceitualmente, que a modernização se trata das transformações ocorridas nas relações de produção e, conseqüentemente, nas relações sociais, principalmente as ligadas a condições de vida dos agricultores.

A expansão da agricultura “moderna” ocorre concomitante à constituição do complexo agroindustrial, modernizando a base técnica dos meios de produção, alterando as formas de produção agrícola e gerando efeitos sobre o meio ambiente. As transformações no campo ocorrem, porém, heterogeneamente, pois as políticas de desenvolvimento rural, inspiradas na “modernização da agricultura”, são eivadas de desigualdades e privilégios (BALSAN, 2006. p. 125.).

Neste sentido, deve-se olhar duas dimensões de preocupações resultantes do processo de modernização da agricultura: os efeitos ao ambiente e os efeitos socioeconômicos. De acordo com Balsan (2006), os efeitos como a destruição das florestas e da biodiversidade genética, a erosão dos solos e a contaminação dos recursos naturais e dos alimentos, bem como pobreza rural, aumento da vulnerabilidade social, êxodo rural são exemplos dos problemas causados pela modernização da agricultura.

Frente a discussão de inúmeros problemas sociais e ambientais no campo, a discussão e análise do desenvolvimento rural brasileiro pautado na modernização, que tinham como alicerce apenas o crescimento econômico, esgotou-se no final dos anos 70; mas ressurgiu com maior força, nos anos 90, estabelecendo novas reflexões sobre a ruralidade brasileira que fossem capazes de propor novas demandas e novas visões que fossem capazes de atribuir novos sentidos e significados ao rural, incluindo as dimensões sociais, ambientais e simbólicas (WANDERLEY, 2012).

Com isso, Schneider et al (2013) escreve que desde os anos 1990, a agricultura brasileira apresentou mudanças estruturais que estão alterando várias de suas características socioeconômicas e que uma delas refere-se aos aumentos de produção e produtividade dos fatores já diagnosticados e conferidos a partir do acompanhamento de desempenho anual das safras e das exportações. Mas, que outras mudanças com igual importância estão sendo encontradas, como:

a ampliação do número de assentamentos rurais e a busca por qualificação daqueles já existentes, a valorização do segmento da agricultura familiar, a diversificação das atividades rurais, o crescimento da agricultura de base ecológica e o aumento das práticas conservacionistas, entre outras, indicam que estão em marcha processos que vêm alterando o perfil da produção agropecuária e as características do meio rural do Brasil (SCHNEIDER et al, 2013, p. 13).

Além disso, é nesta mesma época que os estudos sobre a pluriatividade⁴ e multifuncionalidade do rural entraram em voga, como fenômenos em meio ao novo rural. Ou seja, neste período as pesquisas sobre a pluriatividade e multifuncionalidade vieram acompanhadas pelo debate sobre a (nova) ruralidade, quando se discutiu temas como: as relações rural-urbana, as mudanças demográficas, a formação das identidades sociais, novas funções do rural e as representações simbólicas sobre o rural (CARNEIRO, 2001; WANDERLEY, 2004; MOREIRA, 2002; VEIGA, 2002).

Enfocando na multifuncionalidade do rural, é que estudiosos do rural contemporâneo afirmam que as novas funções do espaço rural, ao contrário do que se acreditava na época da modernização conservadora da agricultura, vão além da atividade agrícola, valorizando o espaço agrário, minimizando o êxodo rural, preservando o meio ambiente e a cultura e trazendo novas formas de trabalho e renda. Corroborando com isso, Carneiro e Maluf (2003) acreditam que:

a noção de multifuncionalidade rompe com o enfoque setorial e amplia o campo das funções sociais atribuídas à agricultura que deixa de ser entendida apenas como produtora de bens agrícolas. Ela se torna responsável pela conservação dos recursos naturais (água, solos, biodiversidade e outros), do patrimônio natural (paisagens) e pela qualidade dos alimentos (CARNEIRO E MALUF, 2003, p. 19).

Essas reflexões partem do suposto que novos sentidos sobre o rural contemporâneo nascem em consonância com as suas transformações internas e da evolução do olhar da sociedade global sobre ela mesma. O rural vai deixando de representar o local de produção e passa a ser um espaço de contemplação, sendo valorizado pelas suas características subjetivas e imateriais (CARNEIRO, 2012). Neste processo, se proporciona a construção social de múltiplos sentidos para o espaço rural, que se manifestam num plano geral, pela produção de bens simbólicos, que passam a compor uma nova dinâmica econômica e social que pode ser analisada a partir da noção de multifuncionalidade do rural (CARNEIRO, 2012; FROEHLICH, 2002).

Assim, a multifuncionalidade do rural, vem sendo apontada como uma noção pertinente para dar conta dos múltiplos interesses que circulam as novas construções do rural contemporâneo, que exercem funções sociais, ambientais, patrimoniais, recreativas, que podem ser acessadas através de bens simbólicos, como turismo, terapias, religiosidades, espiritualidades, esportes radicais, entre outros (FROEHLICH, 2002; COGHETTO, 2019). Ou seja, o rural na

⁴ Um fenômeno através do qual, membros da família de agricultores que habitam o meio rural optam pelo exercício de diferentes atividades, ou mais rigorosamente, optam pelo exercício de atividades não agrícolas, mantendo a moradia no campo e uma ligação, inclusive produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural (SCHNEIDER, 2003, p. 91).

contemporaneidade ganha novos sentidos, como “alegria, amizade, ar puro, calma, lazer, liberdade, natureza, paz, saúde, renda, respeito, segurança, sossego, vida” (FROEHLICH, 2002, p. 137).

Essa ressignificação do rural vem sendo engendrada, em grande medida, por valores culturais de natureza pós-materialista, demonstrando a emergência de um rural que é além do plano prático, ou seja, que é construído no plano simbólico (FROEHLICH, 2002; FROEHLICH e MONTEIRO, 2004). Dentro deste plano simbólico, que tem como artefato central a natureza, é notável a atração cada vez maior de cidadãos que exauridos pelas mazelas das cidades, se dirigem ao campo com uma série de valores típicos do rural “campestre” que exprimem a valorização da natureza e da vida cotidiana, a busca de autodeterminação, da integralização do tempo e das relações sociais, com o intento de reavivar e retornar a supostas “arcádias felizes” (GIULIANI, 1990; PIRES, 2004).

Essa circulação, cada vez mais intensa de cidadãos no rural, que já se constituíram outrem como foco de estudos sobre turismo rural, na contemporaneidade incitam novas formas de se relacionar com esse espaço, que se manifestam através da procura por práticas terapêuticas (GEDIEL, 2006) e/ou práticas espirituais e religiosas (NOGUEIRA, 2001; ALMEIDA, 2009; BORGES 2015; COGHETTO, 2019). Diante dessa busca pela sacralização⁵ se desvelam as intenções deste trabalho, que tem como objetivo analisar, ainda que timidamente, os novos sentidos que vêm sendo construídos através da ritualização do rural⁶ contemporâneo, tendo como área de estudo circunscrita à região do Alto Uruguai gaúcho e campo empírico a Choupana do Gavião⁷.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ABRANGÊNCIA EMPÍRICA

A abrangência empírica do estudo está circunscrita à Comunidade Choupana do Gavião, localizada territorialmente, em Erechim/RS e nas áreas circunvizinhas. A cidade de Erechim/RS (do kaingang *rê*, ou *erê* - "campo" e *xim* "pequeno"), se localiza na porção norte do Rio Grande do Sul. (Figura 1), na região fisiogeográfica do Alto Uruguai – assim denominada em alusão ao Rio

⁵ Tudo aquilo que é sagrado e faz emergir no si- mesmo processos de autoconhecimento.

⁶ Expressão utilizada para se referir aos bens imateriais de cunho religioso e/ou espiritual acessados no espaço rural, suscitados, em especial pela sua paisagem.

⁷ É importante salientar, que esse artigo apresenta recortes da tese de doutoramento da primeira autora, aonde a partir da perspectiva antropológica, direcionada pelos princípios metodológicos da etnografia interpretativista de Clifford Geertz, se enfocou no universo simbólico e na cosmologia presente nas ritualizações do rural, operacionalizadas pela Choupana do Gavião.



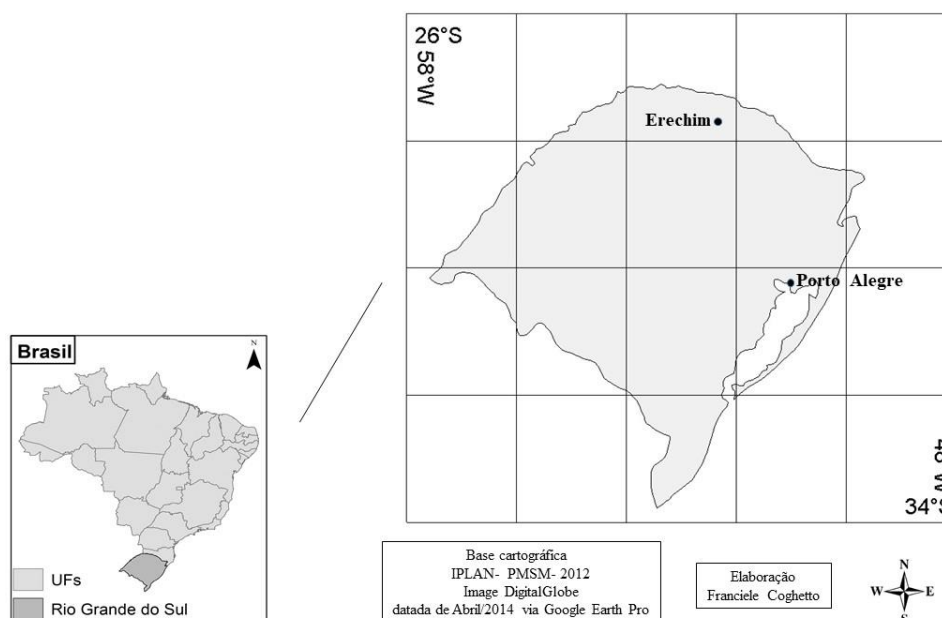
Uruguai (do guarani antigo *uruguá*- um tipo de caracol de água doce e 'y- rio⁸, um dos maiores e mais importantes cursos d'água do Rio Grande do Sul.

Caracterizada, dentro dos estudos de análise diagnóstica dos sistemas agrários - ADSA, como a parte florestada do Estado, a região se insere dentro do Bioma Mata Atlântica, em uma área de transição fitoecológica entre a Floresta Estacional Decídua (JARENKOW e BUDKE, 2009) e Floresta Ombrófila Mista, popularmente chamada de Floresta de Araucárias (*Araucaria angustifolia*).

Compondo o Conselho Regional de Desenvolvimento - COREDE Norte, a microrregião de Erechim é composta por 30 municípios, prioritariamente de base agrícola, com alta representatividade da agricultura familiar, correspondendo a aproximadamente 80% dos estabelecimentos da microrregião (SIDRA, 2021). O espaço rural da microrregião, apresenta “um acontecer solidário e contíguo, ou seja, a presença de um conjunto de atividades comum e um aparente compartilhamento do cotidiano entre os agricultores que ali habitam” (KOZENIESKI, 2016. p.20). Coghetto (2019), em seu ensaio etnográfico, reforça o pressuposto dos laços de reciprocidade presentes no rural da região, enfocando ainda, sobre a importância da interrelação entre as multiespécies, como forma de constructo e organização social.

⁸ NAVARRO, E. A. **Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil**. São Paulo. Global. 2013. p. 606.



Figura 1- Mapa de localização geográfica do município de Erechim/RS.

Fonte: COGHETTO, F. (2014).

As estratégias de reprodução da agricultura familiar da região, em suma, são vinculadas a produção de *commodities*, em especial sojicultura e criação de animais, com destaque para a bovinocultura de leite e criação de aves e suínos integrados aos complexos agroindustriais. Ou seja, a região revela um movimento de especialização produtiva no campo, com sistema de produção baseado no binômio grãos e produção de animais.

Desta forma, salienta-se que os agricultores familiares possuem um papel ativo neste processo, ou seja, os mesmos são atores do próprio desenvolvimento e criam estratégias de reprodução social ligadas a pluriatividade e a multifuncionalidade,

cotidianamente desenvolvem uma série de estratégias para modificar, neutralizar, resistir e, por vezes, até acelerar os resultados da mercantilização, de acordo com a condição socioeconômica da unidade familiar. Os agricultores têm construído uma série de estratégias de diversificação que envolve desde a agroindustrialização com venda direta aos consumidores à pluriatividade passando pelo incremento da pecuária leiteira e da produção para autoconsumo (VILLWOCK, 2015, p. 48).

Dessa forma, a discussão sobre as estratégias de reprodução social e a compreensão de sua trajetória no tempo e espaço são essencialmente necessárias nos estudos de desenvolvimento rural contemporâneo. Assim, salienta-se que as estratégias de reprodução dos membros da Choupana do Gavião, além de estarem pautadas na diversificação das atividades e sustentabilidade ambiental,

DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v31i57.6640> | Edição Vol. 31, Núm. 57, 2022.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

evocam novas construções do rural contemporâneo marcados pela multifuncionalidade do rural. Os membros exercem funções econômicas e ambientais firmados na agricultura de base ecológica e agroflorestal, atuando e participando em diferentes projetos em parceria com a universidade pública, compartilhando e trocando saberes, tendo como alicerce central o resgate: do feminino, dos usos humanos das plantas de poder, psicoativas ou não, da sabedoria ancestral dos indígenas Mbya Guarani, das práticas corporais alternativas e canais curtos de comercialização, com vistas a contribuir com o desenvolvimento rural local e regional. Ademais, exercem a função social e patrimonial que são acessadas através de bens simbólicos, como a religiosidade e espiritualidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Através de estratégias metodológicas fundamentadas na etnografia, entre 2015 e 2019, se estabeleceu um estudo na Região Alto Uruguai com propósito de investigar o crescente movimento de urbanos que se direcionam para o rural em busca de processos de individuação⁹ através do consumo de substâncias enteógenas¹⁰.

Em 2017, tendo como inspiração os trabalhos desenvolvidos pela antropóloga Beatriz Caiuby Labate, uma das principais referências em estudos envolvendo os usos humanos de substâncias psicoativas no Brasil e no mundo, se deu início ao que Eduardo Viveiros de Castro chama de “diálogo para valer”. Para isso, através das observações e vivências que vinham sendo empreendidas desde 2015 no circuito nova erista¹¹ do Alto Uruguai, se estabeleceu relações dialógicas com o grupo pioneiro na utilização ritual da ayahuasca¹², atrelado à Umbanda e Xamanismo, na região de abrangência empírica desse estudo.

Através do estabelecimento dessas relações, em 2017 se iniciou um ensaio etnográfico do grupo batizado de Choupana do Gavião. Com intento de ampliar as impressões e experienciar compressões que possibilitassem tecer elucubrações a respeito desse movimento de pessoas que retornam ao rural para sacralização do viver, em ascensão em diversas regiões do RS, se utilizou

⁹ Termo proposto por Carl Jung para nominar o processo de autoconhecimento, que leva o indivíduo ao reconhecimento de si, enquanto ser humano e não máquina.

¹⁰ Do grego: *entheos* – inspirado ou possuído por um deus; *-geno*: “geração, produção de algo (WASON, et al. 1969; MACRAE, 1992). Terminologia utilizada para se referir a substâncias psicoativas (alteradoras da consciência) que são comungadas em processos rituais ligados a religiosidades e/ou espiritualidades.

¹¹ Cf. página 9 deste artigo.

¹² Terminologia utilizada no meio acadêmico para se referir à beberagem enteógena que é preparada comumente através da decoção de duas plantas de origem amazônica: o cipó *Banisteriopsis caapi* e as folhas da árvore *Psychotria viridis*. Essa beberagem é ingerida em rituais de cunho religioso ou espiritual para aproximar o mundo espiritual (MANDARINO, 2010) e facilitar a expansão da consciência, permitindo o acesso a outras dimensões e aos diversos estados sagrados.



de diferentes estratégias metodológicas como: observação participante com incursões nos processos de ritualização e socialização experimentada pelo grupo; entrevistas em profundidade, perspectivando conhecer as trajetórias individuais e sociais dos adeptos¹³ e suas significações sobre o rural; e aplicação de questionário para esboçar o perfil dos integrantes.

Por fim, os dados foram analisados através da perspectiva antropológica procurando durante a escritura etnográfica preservar o universo discursivo de cada interlocutor e de cada experiência ritual (DEBERT, 1986). Salienta-se que neste trabalho, se optou por apresentar alguns recortes com elucidações iniciais sobre a multifuncionalidade do rural, sob a perspectiva das ritualizações.

A RITUALIZAÇÃO DO RURAL: EXCERTOS

Choupana do gavião: a como- unidade

A Choupana do Gavião nas palavras de seus adeptos é “uma casa, hoje, itinerante” (Lobo Dourado¹⁴, 2018), que para uns é “uma comunidade dentro de uma linha espiritual” (Flor da Rainha, 2018), para outros “uma família, uma irmandade” (Cabocla das Ervas, 2018). Usando das prerrogativas interpretativistas, pode ainda ser entendida como uma como-unidade formada por um agrupamento de seres, humanos e não- humanos, que coabitam nosso cosmo e compartilham de experiências materiais e transcendentais, que juntas são capazes de construir um *modus operanti* baseado sacralização da vida, da natureza e do espaço habitado (COGHETTO, 2019).

A como-unidade tem como propósito de compartilhar experiências e conhecimentos que sejam capazes de promover “o desenvolvimento espiritual em uma perspectiva universalista, regulado pelos princípios da caridade, fraternidade e diálogo” primando pela “experimentação de novas relações entre as pessoas, com a terra e com os seres da natureza” (CHOUPANA DO GAVIÃO, 2018).

Longe de conceitos meramente localistas, o grupo formado em 2014 se organiza de maneira autogestionada e realiza suas atividades de forma itinerante, desde 2017, dando preferência para a ritualização dos espaços situados no rural. A como-unidade contava em 2019

¹³ As entrevistas em profundidade foram realizadas com aqueles adeptos que, em reunião interna do grupo, se voluntariaram para tal. Ao total foram realizadas 5 entrevistas em profundidades, entre elas, com o fundador da Choupana do Gavião.

¹⁴ Como forma de resguardar a identidade dos participantes dessa pesquisa, se optou pela utilização do nome espiritual de cada adepto, como identificação das interlocuções.



com 14 integrantes em sua corrente¹⁵, sendo que 80% dos adeptos são mulheres. Com faixa etária entre 21 e 58 anos, a corrente é formada por professores universitários e de educação básica, agricultora, psicoterapeuta e estudantes, que diferente da maioria dos grupos ligados a tradições bricoladas da Nova Era, não fazem dos trabalhos espirituais sua profissão.

a gente não vive do daime, a gente não vive do trabalho espiritual, a gente trabalha, faz faculdade, faz doutorado [...] todos os outros membros da corrente têm outras atividades, seu ganha pão. A gente não vive só disso aqui [se referindo aos trabalhos espirituais do grupo] (Lobo Dourado, 2018).

Em se tratando de ritualística, a Choupana do Gavião, conforme expresso em seu Memorial Descritivo (2018), se fundamenta na “cultura popular, buscando reconhecer e valorizar os saberes e valores ancestrais”, sendo sua dimensão simbólica alicerçada pela bricolagem de diversas tradições religiosas e espirituais que englobam elementos da cosmologia umbandista, xamânica, daimista e juremeira. Esse bricolagem de tradições religiosas e espirituais é comum aos movimentos e/ou fenômenos vinculados a chamada Nova Era.

A Nova Era pode ser entendida, como um movimento e/ou fenômeno que se constitui por um circuito composto por quaisquer práticas espirituais ou religiosas, de caráter contestatório ao cristianocentrismo e ao desenvolvimentismo, que provoquem algum tipo de transformação espiritual no indivíduo (TAVARES, DUARTE e COGNALATO, 2010). No cenário nova erista o espaço ocupado por Deus, antes localizado do lado de fora do mundo, passa para dentro do mundo, sendo acessado a partir das experiências particulares de caráter místico e energético (TONIOL e STEIL 2010).

Esse movimento e/ou fenômeno tem sua origem vinculada a duas principais vertentes, uma que defende a hipótese de que tenha surgido nas décadas de 60 e 70, a partir do Movimento Contracultura americano e europeu ligado ao Movimento Novo Pensamento; e outra, concatenada com uma ideia oriunda de clássicos da literatura ocultista do final do século XIX e início do século XX (COGHETTO, 2019).

Independente da vertente teórica, se pode inferir que ambas compactuam e nascem de uma mesma inquietação – a irresignificação com o modelo societário ditado pelo ímpeto capitalista e se direcionam para um mesmo desejo – o de enfrentar a crise econômica, social, ambiental e humana em que o modelo de desenvolvimento deixou nas sociedades do mundo inteiro. Aspirando uma

¹⁵ Termo utilizado para se referir aos adeptos que assumem um compromisso espiritual de estudar, se dedicar e se desenvolver espiritualmente dentro de determinada linha religiosa e/ou espiritual (COGHETTO, 2019).



vida comunitária, a sacralização da natureza e o experimentalismo espiritual difundidas sob a égide do autoconhecimento, pautadas em figuras emblemáticas como, Aldous Huxley, Carlos Castañeda, Juddit Krishnamurti, Osho, Paramahansa Yogananda, Srila Prabhupada e mais recentemente nas tradições xamânicas e ayahuasqueiras, esse movimento que segue em ascensão, é imerso em um “universo de luta, contestação e controvérsia” (BORGES, 2015, p. 30).

Esse cenário contestatório em que se insere a Nova Era e diante das observações empreendidas na região do Alto Uruguai gaúcho e aprofundadas com o auxílio dos integrantes da Choupana do Gavião, mostra que os adeptos desse movimento, procuram cada vez mais as áreas rurais para experimentar novos modos de viver e de se relacionar com o Todo, que é o Universo, em seu sentido material e imaterial. Essa ânsia “pelo totalmente natureza” (Poeira Estelar, 2018) por relações que “são bases, âncoras, [que estabelecem] laços bem fortes” (Cabocla das Ervas, 2018), se desvelam dentro de um ideário que almeja o resgate dos valores existenciais e do sentimento de conexão com uma dimensão mais profunda da vida, que se alicerça em grande medida na sacralização da natureza. (FERNANDES- PINTO, 2017).

Essa movimentação de cidadãos em direção ao rural, pautados por uma maior expressão e interação com a natureza nos remete ao estudo de Giuliani (1990), que chama de novos rurais, aqueles cidadãos que por desejo próprio e particular migravam dos centros urbanos para a região serrana do Rio de Janeiro. Alicerçados por um desejo de reviver os valores próprios do mundo rural, os cidadãos estudados pelo autor supracitado, em sua maioria pertencentes às camadas altas da sociedade, migraram para o campo sustentados pelo discurso de qualidade de vida campestre e de crítica às condições degradantes da vida urbana.

Este mesmo discurso, de busca por uma qualidade de vida campestre e perfil socioeconômico, são visualizados na maior parte dos adeptos da Nova Era. Borges (2015), Labate (2004) e Brissac (1999) embora não se detivessem a avaliar a relação do rural e da Nova Era, exprimem em suas pesquisas que a busca por práticas espirituais novas eristas, são majoritariamente acessadas pela elite brasileira.

Entretanto, na contramão destes estudos, que parecem indicar “um rural de consumo elitizado”, os integrantes da Choupana do Gavião, apresentam um perfil socioeconômico peculiar onde 80% dos integrantes possuem renda inferior a 6 salários mínimos, representando camada baixa a média da sociedade em geral. Este fato, parece nos indicar possíveis transformações no

perfil de frequentadores do *fast food* espiritual¹⁶ oferecido pela Nova Era, e quiça, com investigações mais aprofundadas, sobre espectro econômico, se pode chegar a inferências de que estamos adentrando em um novo momento na diáspora novaerista, vinculado ao consumo do rural, onde testemunhamos— ainda que de maneira incipiente, uma crescente difusão do uso ritualizado, em especial de substâncias enteógenas, por camadas populares.

Por outro ângulo, os outros 20% que integram a Choupana do Gavião, possuem renda superior a 6 salários mínimos e não apenas consomem o rural ritualizado, mas fazem deste espaço sua morada e em um caso particular, o da adepta Cabocla das Ervas, temos a utilização do rural como forma de sustento através da produção agroecológica. Esses dados apontam, que o acesso ao rural enquanto espaço de “viver, de autonomia, de integração, de ser parte da terra” (Cabocla das Ervas, 2018) ainda é vinculado a indivíduos capitalizados (apesar da maioria dos adeptos da Choupana não fazerem parte da elite econômica).

No entanto, este fenômeno não priva os adeptos da Choupana do Gavião, de tecerem e se articularem de maneira crítica ao modelo societário hegemônico. Guerreiro das Folhas (2018), falando sobre o rural e seus movimentos contemporâneos, pontua que,

[o rural] é um espaço histórico que alguns procuram, vários, procuram delimitar e teorizar e conjugar [...] esse espaço geográfico ele nunca foi distribuído e com processo de urbanização [...] ficou na mão de poucos, porque liberta os escravizados e aprisiona a terra, desde 1850 e aí esse espaço campo, rural é esse espaço onde algo ainda pode vir a ser. De preferência, [...] um espaço como qualquer outro espaço que [...] as pessoas tivessem acesso aos bens produzidos pela humanidade [...] Talvez aí reside o fato das pessoas procurarem fugir um pouco desse processo de urbanização, desse massacre. Agora como fugir? Você tem que ter dinheiro para comprar terra. Terra nunca foi democratizada no Brasil. Então o espaço rural está aí, muitos latifúndios, muita terra na mão de poucos. 1% dos grandes proprietários detém mais de 50% da terra no Brasil. Tem muita terra devoluta que é dos estados, dos municípios ou mesmo do governo federal e não atende as especificidades constantes na constituição que diz que a terra precisa cumprir a sua função social. Então tem muito espaço assim para esse rural [...] que seja um rural dentro da agroecologia, dentro de uma proposta de uma produção da existência humana mais justa, mais solidária, emancipatória, mais progressista, seja lá nome que a gente queria dar, na relação ser humano- ser humano, ser humano - natureza. Eu acho que o rural carrega esse algo que possa vir a ser e tomara que seja, assim sem idealismo ou otimismo exacerbado, que seja esse espaço de produção da existência humana mais justa (Guerreiro das Folhas, 2018).

As multifuncionalidades do rural ritualizado

Adentrando nos aspectos diretamente relacionados às ressemantizações que vem sendo produzidas sobre o rural contemporâneo, é fundamental expor que o termo rural nessa pesquisa foi tomado a partir do ideário do rural como “um pedacinho da terra na Terra” (MARQUES, 2016, p.

¹⁶ Termo utilizado por Borges (2015) para se referir a diversidade de oferta de práticas espirituais “alternativas”.



26) e primado da natureza (FROEHLICH, 2002; FROEHLICH e MONTEIRO, 2004). A decisão de se vincular ao aparato simbólico que vem engendrando o rural contemporâneo, não intenciona subestimar a magnitude agrícola brasileira, como bem colocado por Froehlich (2002):

A atenção crescente dada ao rural e ao seu ambiente, não significa a apartação do rural como um tipo de santuário inviolável, de “reserva de patrimônio natural” e do “patrimônio cultural”, mas justamente traduz uma interação e uma pressão crescentes da sociedade global sobre o espaço rural e suas amenidades (vinculada a uma natureza idealizada como repousante, saudável e acolhedora (FROEHLICH, 2002, p.18).

Nesse ínterim, partimos do fato de que as múltiplas funções do rural contemporâneo também nascem da ânsia em que o rural satisfaça as necessidades vitais de convivência, reciprocidade, relações primárias, ar puro e paisagem, podendo configurar novos sentidos e formas de conceber o rural, que expressem um caráter estratégico em que o rural possa assumir diante das perspectivas de futuro e na tessitura presente das sociedades contemporâneas (FROEHLICH, 2002; CARNEIRO, 2012).

Nesta perspectiva, através das incursões rituais e das entrevistas em profundidade com os adeptos da Choupana do Gavião, se percebeu que *a priori* a relação estabelecida com o rural atua dentro da vertente simbólica vinculada especialmente a sacralização desse espaço, que abriga a maior parte florestada e cultuada sobre a perspectiva de natureza, quando comparada aos espaços tidos como urbanos.

A paisagem, como ressalta Ingold (2000) é “a própria condição do ser no mundo” (TONIOL E STEIL, 2010, p. 10). É na paisagem rural, que os adeptos da Choupana do Gavião e demais frequentadores de suas cerimônias¹⁷ abertas ao público parecem se sensibilizar com os elementos da natureza e consonante com a utilização de substâncias enteógenas, fazem emergir novos sentidos para esse espaço que outrora fora legado inabalável da produção de *commodities* e hoje parece renascer como fonte por excelência de energias e lugar de manifestação do sagrado.

Dentro desta lógica, o rural e os seus elementos naturais, acabam por compor um paradigma ecológico, que entrelaça cultura, natureza e sujeito, desencadeando processos de sacralização do *modus operandi*, daqueles que experienciam as distintas formas da manifestação do

¹⁷ Cerimônias com a consagração das chamadas medicinas da floresta – ayahuasca, rapé (Preparado de origem indígena, tendo como base principal o tabaco macerado em forma de pó. Geralmente são acrescidos outros compostos vegetais, como: sementes de imburana, erva-doce, cravo, entre outros), sananga (Colírio produzido a partir da extração do sumo da planta amazônica *Tabernaemontana sananho*. Utilizado para se obter uma visão refinada do mundo espiritual), tabaco (*Nicotiana tabacum*) e Kambô (“Vacina do sapo” - preparado resinoso extraído da perereca *Phyllomedusa bicolor*, aplicada através de pontos feitos através da queimadura da epiderme).

sagrado nestes espaços, seja pela peregrinação, seja pelo consumo de substâncias enteógenas ou por quaisquer outras práticas místicas (COGHETTO, 2019; TONIOL e STEIL, 2010; CARVALHO e STEIL, 2008).

É na busca pelos elementos naturais como fonte de energização e sacralidade, que os adeptos da Choupana do Gavião, “a partir de suas experiências e expectativas pessoais” e da liberdade de escolha individual, retém para si as práticas e crenças que lhe convém, dando sentido à sua existência (HERVIEU- LIÉGER, 2015). Ritualizando com os quatro elementos da natureza: ar, terra, fogo e água e com auxílio de plantas medicinais da floresta, comungam com a natureza divina e veem nessa comunhão uma ferramenta potencial para superar os subterfúgios impostos pelo capitalismo.

Através da evocação de cantos, rezos e louvores a entidades ligadas a bricolagem religiosa, que integra xamanismo, ayahuasca, jurema e umbanda, o mundo rural que em outras épocas foi suporte histórico para a hierárquica Igreja Católica (HERVIEU- LIÉGER, 2015), vem se transformando e dando espaço a novas formas de espiritualidade e religiosidades que parecem apontar para um fenômeno com qualidades sociais pertinentes para a tessitura de novos sentidos que vêm sendo construídos no rural contemporâneo. Almeida (2009), em sua pesquisa em áreas rurais circunvizinhas de Viçosa/MG, observou que mudanças no rural viçosense vem sendo produzidas em boa medida por um universo simbólico de religiosidades, onde cada vez mais pessoas procuram o rural em busca de “novas formas de se relacionar com a natureza através de práticas de cultivos alternativos [...] e “da introdução de templos e novas práticas religiosas[...]” (ALMEIDA, 2009, p.97).

Se em 1990, Giuliani, pontuava que os novos rurais, não eram interesse dos estudiosos por se apresentarem como um fenômeno restrito à esfera individual e sem capacidade “de expressar um movimento de forças sociais que induz os indivíduos a determinadas práticas ou que os coloca diante de determinadas escolhas” (GIULIANI, 1990, p. 61), na contemporaneidade essa movimentação de cidadãos para o rural, revela transformações significativas e que merecem atenção.

Em apoio a este argumento, no decorrer das observações realizadas nessa pesquisa, se percebeu que a movimentação de cidadãos que vão em busca de um rural ritualizado, em sua maioria, parte de convites feitos por pessoas do círculo de convívio, evidenciando que no rural ritualizado se constroem redes de circulação de pessoas e trocas de saberes, conferindo a esse espaço um potencial “para a compreensão do pensamento e do sentimento das pessoas” e de como

elas se relacionam entre si e com a natureza (TURNER, 1974, p.19). Isso porque, durante o experienciar dos rituais de práticas novas eristas, se manifestam os resgates de saberes ancestrais, sejam eles vinculados a religiosidades e/ou espiritualidade ou a práticas de se relacionar com a terra¹⁸ e com os distintos modos de produção de si e da matéria, apontando para um despertar de consciência que incita a “construção de uma nova ética, fundamentada na reconexão do ser humano com a natureza e no resgate da solidariedade entre as culturas planetárias” (FERNANDES- PINTO, 2017, p. 47).

Este despertar, verbalizado nas entrevistas e observado durante os rituais é uma característica marcante no presente estudo e incita transformações significativas na vida daqueles que vivenciam o rural ritualizado. Tal despertar é relatado por Cabocla das Ervas, que nascida e criada na área rural do município do Áurea/RS, agrônoma de profissão, deixou a propriedade da família aos 18 anos por não se sentir pertencente ao espaço. Logo após, um longo período distante das terras aureenses, por meio de ritualizações do rural, descobriu um outro mundo onde,

eu respirava junto com a terra, era uma coisa só”. [...] era como que de um certa forma eu era uma estranha aqui [se referindo ao rural aureense] e agora é como que eu sou parte disso da terra, da mata [...] no plantar, eu me vejo como parte [...] é um sentido de criar uma identidade [...] como que a gente é parte disso e como que isso é muito mais verdade tu estar aqui, ter a mata, ter isso é muito mais verdade do que que tu ir pra cidade. Embora não é uma questão [...] de se isolar [...], porque se isolar e estar só aqui, acho que não é isso, mas é assim de fazer esse trabalho, de reconhecer que ele é importante e aí o que a gente leva daqui para fora (se referindo a produção de alimentos e ervas medicinais), como que tem um papel, como que mostrar [...] que é possível viver de uma outra forma, não tem que estar respondendo a todos os padrões que a sociedade te coloca daquele jeito sabe e que isso é possível e que é que é muito mais verdadeiro) (Cabocla das Ervas, 2018).

Não distante deste sentimento de construção de nova identidade e de pertencimento, Flor da Rainha (2018), relata que após suas incursões ao rural que se ritualiza, venceu uma longa batalha travada contra depressão e ansiedade “Eu sinto que é como se eu tivesse voltado a ser um seu vivo. É difícil expressar em palavras o que eu sinto hoje”.

Essas mudanças ensejadas no si-mesmo, perpassam a esfera das aspirações individuais, uma vez que é unânime o fato de que através das transformações em si, os adeptos nutrem o desejo de partilharem desse rural ritualizado com amigos, pessoas da família e colegas de trabalho. Isso faz com que possamos arrazoar que o rural ritualizado é uma janela para a emergência de novas concepções sobre as ruralidades, uma vez que é capaz de detectar como um grupo social, ou

¹⁸ Práticas de permacultura, agroflorestais e agroecológicas.



alguns indivíduos específicos, representam escolhas societárias peculiares desenvolvendo estratégias de representação e humanização de espaços (BEZERRA e RIBEIRO, 2014). Essas novas estratégias, quando combinadas com a espiritualidade ecológica, podem nos apontar para caminhos auspiciosos no desvelar de estratégias de desenvolvimento que sejam atravessadas pelos pilares do Bem- Viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Choupana do Gavião, circunscrita à região do Alto Uruguai gaúcho, é uma organização coletiva, guiada pela experimentação da descentralização de poder que oferece experiências religiosas e espirituais livres de regras institucionalizadas. Isto é, a Choupana apresenta a ritualização do rural, mostrando que o rural é mais que um espaço de produção de *commodities* e de alimento para o corpo físico, ele é um espaço que nutre as relações dos seres humanos, espiritualidade e a natureza.

Além disso, infere-se que a Choupana do Gavião se apresenta inserida no conceito de multifuncionalidade do rural, pois apresenta múltiplos interesses que circulam as novas construções do rural contemporâneo, exercendo funções sociais, ambientais e patrimoniais que podem ser acessadas através de bens simbólicos, como a religiosidade e espiritualidade.

Destarte, aos poucos, percebe-se o movimento de que o mundo rural conhecido como espaço agrícola apresenta novos sentidos e configurações que vêm sendo construídos, como apresentado neste estudo, através da ritualização do rural contemporâneo, pautada nas discussões das multifuncionalidades do espaço rural. Ou seja, a modernização da agricultura pautada numa indústria capitalista de produção agrícola, na pós-modernidade se transforma, deixando de ser o espaço meramente agrícola e passa a ser um espaço de multifuncionalidades, que se orientam em grande medida pela valorização e sacralização da natureza.

Esses novos usos do espaço indicam caminhos que evocam novos olhares, que estão longe de serem objetivos e de fácil compreensão, mas que apontam ser uma nova janela para estudar as diversas configurações que o espaço rural na contemporaneidade pode assumir.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.C. **Da tradição e modernidade:** o campo religioso em transformação no meio rural de Viçosa- MG, na contemporaneidade. 2009. 127p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2009.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v31i57.6640> | Edição Vol. 31, Núm. 57, 2022.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

BALSAN, R. Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira. **Campo-território: revista de geografia agrária**, Uberlândia, v. 1, n. 2, p.123-151, ago. 2006.

BEZERRA, H.; RIBEIRO, M. Psicologia Ambiental e Ecologia Humana: sobre a ambientalidade do humano e a existencialidade do espaço. In: MARQUES, J. (org.) **Ecologias Humanas**. Feira de Santana: UEFS, 2014.p. 137- 156.

BORGES, J.J. **Árvores e budas: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas**. Simões Filho: Ed. Kalango, 2015.

BRISSAC, S. G. T. **A estrela do norte iluminando até o sul: uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano**. 1999. 163 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1999.

CARNEIRO, M. J. (coord). **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro. Mauad X. 2012.

CARNEIRO, M. J. Do rural e do urbano: uma nova terminologia para uma velha dicotomia ou a reemergência da ruralidade? In: SEMINÁRIO SOBRE O NOVO RURAL BRASILEIRO, 2., out. 2001, Campinas, São Paulo. Campinas: IE/UNICAMP, 2001.

CARNEIRO, M. J; MALUF, R. S. **Para além da produção: Multifuncionalidade e Agricultura Familiar**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

CARNEIRO, M.J. Do “rural” como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: _____ (coord.) **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. p. 23- 50.

CARVALHO, I.C.M.; STEIL, C.A. A sacralização da natureza e a “naturalização” do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, n.2, v.6, p.289- 305, jul. /dez.2008.

CHOUPANA DO GAVIÃO, **Memorial Descritivo**. 2018.

COGHETTO, F. **O rural ritualizado: nas asas do Gavião tecendo novos olhares para o rural contemporâneo**. Tese. (Doutorado em Extensão Rural). Programa de Pós Graduação em Extensão Rural. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2019.

DEBERT, G.G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDODO, R.C.L. **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 141- 156.

FERNANDES- PINTO, E. **Sítios naturais sagrados do Brasil: inspirações para reencantamento das áreas protegidas**. 2017. 426p. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2006.



FROEHLICH, J. M. **A construção social do rural contemporâneo na região central do RS.** 2002. 202p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2002.

FROEHLICH, J.M; MONTEIRO, R.C. As perspectivas de uma nova ruralidade pela óptica urbana: o campo semântico rural- natureza. In: FROEHLICH, J.M.; DIESEL, V. **Espaço rural e desenvolvimento regional: estudos a partir da região central do RS.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. p. 273-307.

FROEHLICH, M.J.; GEDIEL, A.L.; SOARES, N.B. As múltiplas funções do rural: cenários naturais e atividades agropecuárias como terapias. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL. 46., 2008, Rio Branco/AC. **Anais...**Rio Branco/AC: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2008.

GEDIEL, A.L.B. **Multifuncionalidade do rural** – o uso das atividades agropecuárias e de espaços rurais para práticas terapêuticas. 2006. 129p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2006.

GIULIANI, G. M. Neo-Ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: Anpocs/Vértice, n. 14; p. 59-67, 1990.

HERVIEU- LÉGER, D. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

JARENKOW, J.A. BUDKE, J.C. Padrões florísticos e análise estrutural de remanescentes de Florestas com Araucária no Brasil. In: FONSECA, C.R.; SOUZA, A.F.; LEAL-ZANCHET, A.N.; DUTRA, T.; BACKES, A.; GANADO, G. (eds.). **Floresta com Araucária: ecologia, conservação e desenvolvimento sustentável.** Editora Holos, Ribeirão Preto, p. 113-126, 2009.

KOZENIESKI, E.M. **A produção do espaço rural: transformações das dinâmicas produtivas e da agricultura na microrregião de Erechim.** 2016. 327p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

LABATE, B.C. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

MACRAE, E. **Guiado pela Lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime:** Brasiliense, 1992.

MANDARINO, G.C. **Religiões ayahuasqueiras: tradições e contradições.** 2010. 89 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, 2010. p.89.

MARQUES, J. **Ecologia do Espírito.** Paulo Afonso: Ed. SABEH, 2016.

MIELITZ NETO, C. G. A.; MELLO, L. M.; MAIA, C. M. **Políticas públicas e desenvolvimento rural no Brasil.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.



MOREIRA, R. J. Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação. **CPDA ruralidades**, n. 1, 2002.

NOGUEIRA, A.S.N. Planalto Central: utopia, ideologia e reafirmação da ordem. **Tempo Social**, São Paulo, n. 13, v.1, p.159- 184, 2001.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, S., CONTERATO, M. A., SOUZA, M., ESCHER, F., SCARTON, L. M. e RUCKERT, L. Pluriatividade e plurirrendimentos nos estabelecimentos agropecuários do Brasil e das regiões Sul e Nordeste: uma análise a partir do Censo Agropecuário 2006. Brasília: IPEA, 2013. (Relatório de Pesquisa).

TAVARES, F.R.G.; DUARTE, J.P.; COGNALATO, R.P. Movimento Nova Era e a reconfiguração do social (da contracultura à heterodoxia terapêutica). **Antropolítica**, Niterói, n.28, p. 177- 196, jan-jun/2010.

TONIOL, R.; STEIL, C.A. Ecologia, Nova Era e Peregrinação: uma etnografia da experiência de caminhadas na Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, Porto Alegre, n.17, v.11, jan. / jun. 2010.

TURNER, V. W. **O processo ritual, estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VEIGA, J. E. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2002.

VILLWOCK, A. P. S. As Estratégias de Renda dos Agricultores Familiares de Itapejara d'Oeste nos anos 2005 e 2010. Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco. 2015.

VILLWOCK, A. P. S. Meios de Vida e Renda: Uma Pesquisa em Painel de Agricultores Familiares do Sudoeste do Paraná. Tese. (Doutorado em Extensão Rural). Programa de Pós Graduação em Extensão Rural. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2018.

WANDERLEY, M. N. B. Olhares sobre o “rural” brasileiro. **Revista Raízes**, Campina Grande, v. 23, n. 1-2, jan./dez. 2004.

WANDERLEY, M. N. B. Prefácio. In: CARNEIRO, M. J. (coord). Ruralidades contemporâneas: modo de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Rio de Janeiro. Mauad X, 2012.

WASSON, G.; RUCK, C.A.P.; BIGWOOD, J.; OTT, J.; STAPLES, D. **Entheogens Journal of Psychedelic Drugs**, 1969. Disponível em: <http://www.entheomedia.org/entheogen.htm>

